



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

RETRATOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA

Taisa de Lima Martins

Rio de Janeiro/RJ
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

RETRATOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA

Taisa de Lima Martins

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof.^a/ Dr.^a. Maria Teresa Ferreira Bastos

Rio de Janeiro/RJ
2018

MARTINS, Taisa de Lima.

Retratos e a Construção de uma Memória/ Taisa de Lima Martins – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2018.

48 f.

Monografia (graduação em Comunicação Social/ Radialismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2018.

Orientação: Maria Teresa Ferreira Bastos

1. Fotografia. 2. Retrato. 3. Memória. I. BASTOS, Maria Teresa. II. ECO/UFRJ III. Radialismo. IV. retratos e a construção de uma memória

Taisa de Lima Martins

RETRATOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

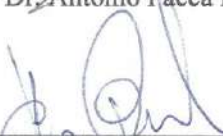
Rio de Janeiro, 06 de Julho de 2018.



Prof. Dra. Maria Teresa Ferreira Bastos, ECO / UFRJ



Prof. Dr. Antônio Pacca Fatorelli, ECO / UFRJ



Prof. Leandro Pimentel, FCS / UERJ

Aprovado em: 4 de julho 2018

Grau: 9 (nove)

Rio de Janeiro/RJ
2018

Para Teresa, Marcos, Pedro e João Vitor

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pela grande oportunidade da minha vida.

À minha mãe e meu pai, por todos os sacrifícios e investimentos para que eu concluísse esse curso.

À minha avó Maria, por sempre cuidar tão bem de mim e ser um grande exemplo de amor e fé.

Ao João Vitor Figueira, meu namorado, companheiro de tantas histórias, meu melhor amigo que me inspirou tanto para a realização desse trabalho.

À minha professora e orientadora Maria Teresa, por me acompanhar nessa caminhada e ser uma grande referência para mim na UFRJ.

À Viviane Botelho, minha grande amiga que esteve ao meu lado durante todos os anos de curso, que me inspira e que vou levar como um grande presente para minha vida.

Aos meus queridos amigos pela realização desse trabalho:

Thais Scarlet

Amanda Almeida

Taiani Mendes

Natascha Oliveira

Fábio Marinho

Hugo Rivola

Douglas Ramos

Fabian Falconi

"Toda a questão de fotografar pessoas consiste em que não se está intervindo na vida delas, apenas visitando-as. O fotógrafo é um superturista, uma extensão do antropólogo, que visita os nativos e traz de volta consigo informações sobre o comportamento exótico e os acessórios estranhos deles."

(SONTAG, 1977, p.54)

RETRATOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA

MARTINS, Taisa de Lima. **Retratos e a Construção de uma Memória**. Orientador: Maria Teresa Ferreira Bastos. Rio de Janeiro, 2018. Monografia (Graduação Em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 48 f.

RESUMO

Neste relatório está apresentado o processo de realização do ensaio fotográfico **RETRATOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA**, desde sua concepção até a finalização, passando pelas etapas de pré-produção, produção e pós-produção. O trabalho se apresenta como um ensaio de retratos de amigos, a fim de demonstrar a ideia da construção de uma memória pelo registro da imagem. Com isso, pretende levantar questionamentos acerca do espaço das imagens no mundo contemporâneo e pensar a importância da fotografia como documento e arte, especialmente no que diz respeito ao gênero.

Palavras-chaves: fotografia; retrato; memória.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Autorização de Imagem

APÊNDICE B – Fotografias

SUMÁRIO

| | | |
|----|--|----|
| 1. | INTRODUÇÃO | 10 |
| | 1.1 Contexto do Trabalho | 10 |
| | 1.2 Objetivo | 15 |
| | 1.3 Justificativa | 16 |
| | 1.4 Organização do relatório | 18 |
| 2. | PRÉ PRODUÇÃO | 18 |
| | 2.1 Desenvolvimento do produto fotográfico | 19 |
| | 2.2 Público | 20 |
| | 2.3 Concepção da Obra | 20 |
| | 2.4 A pesquisa por referências | 22 |
| | 2.5 Aquisição de Direitos de Imagem | 23 |
| | 2.6 Organização Geral do Ensaio | 24 |
| 3. | PRODUÇÃO | 24 |
| | 3.1 Realização das Fotografias | 24 |
| 4. | PÓS PRODUÇÃO | 25 |
| | 4.1 Edição e Tratamento | 25 |
| | 4.2 Exibição | 26 |
| | 4.3 Análise Final das Fotografias | 27 |
| 5. | REFERÊNCIAS | 28 |

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contexto do Trabalho

A fotografia é capaz de permear diversos campos, por conseguir se adaptar a muitos avanços da tecnologia e da sociedade. Vivemos cercados por imagens. Ela está presente em nosso dia a dia por onde quer que passamos, nos cartazes de publicidades pelas ruas, nas revistas, nos jornais matinais, nos noticiários 24h da televisão e, principalmente, por toda a internet. Abastecemos uma vida online e acompanhamos muitas outras por meio das imagens. Passamos a registrar e acompanhar quase todos os nossos momentos, que são transformados em imagens e compartilhados entre amigos e desconhecidos pelas redes de entretenimento online, de forma que a fotografia passa a ser um espelho da vida que você tem, tenta ter ou mesmo fantasia ter. Passamos a ficar tão imersos nessas imagens cotidianas que acabamos deixando de lado o exercício de pensar sobre a necessidade de tantas imagens.

Acostumamos nossos olhares com todas essas fotografias, às quais ficamos submetidos por todos os lados, e viciamos os nossos modos de registro de imagens de pessoas e momentos. Usamos os celulares, que se transformaram em uma poderosa máquina de fácil acesso, e registramos imagens demais, muitas das quais, inclusive, não revisitaremos ou ficarão esquecidas na memória dos aparelhos e dos computadores. Por estarmos confortáveis com o poder de excluir uma imagem a qualquer momento, não hesitamos em fotografar tudo. Quando avistamos uma bela paisagem, ou desejamos fazer um retrato, fazemos vários cliques do mesmo objeto. Também percebemos uma despreocupação com a composição da foto, enquadramento e alinhamento, e algumas coisas foram deixando de ser tão importantes e até mesmo questionadas no ato de fotografar. Quando fazemos uma viagem, ou vamos jantar fora, ou até mesmo nos pequenos, e às vezes muito repetitivos, momentos do nosso cotidiano, fotografamos tantas coisas e acabamos deixando de nos perguntar: o que é essa imagem? Qual seu significado? O que ela pretende mostrar para nós e a aos outros? Passamos a viver com o acúmulo, e deixamos de prestar a atenção em imagens que nos importam e nos acrescentam.

A partir deste excesso e descuido da atenção, idealizei este projeto como uma forma de pensar a fotografia com um propósito, transformá-la em objeto físico (o retrato impresso) e trabalhá-la como uma construção de memória. Uma lembrança pode ser acionada por diversos fatores, como pelos perfumes, lugares e comidas. Do mesmo modo, revisitar uma fotografia é um ato de revisitar uma lembrança, uma memória. Dessa forma, transformo nesse trabalho o retrato de pessoas em um objeto físico, afim de estimular uma maneira de construção de memória.

O trabalho consiste em 18 fotografias de amigos que fizeram parte da minha história dentro da universidade e são parte da construção da minha memória sobre o período que estive na Escola da Comunicação da UFRJ. Pessoas que foram próximas e que dividiram histórias comigo, que se transformaram em figuras primordiais ao me recordar do curso, em momentos dentro e fora da universidade. Além disso, este trabalho também é uma forma de compreender a importância da fotografia, suas evoluções e compreensões.

A imagem no seu uso documental concretiza, assegura, cria uma memória compactada em uma foto. Seu nível de confiabilidade foi importante para se firmar como um confiável documento que provava, registrava. Transformou o imaginário das pessoas e foi de extrema importância para documentar a cidade e a sociedade. Mas sua entrada no mundo da arte também causou conflitos, principalmente na relação entre artista e obra. Acaba sendo adotada pelos artistas, e, em 1859 é exposta pela primeira vez na França como arte.

Até ser considerada uma forma de arte, muito se debateu sobre os propósitos da fotografia. Nos seus primórdios, um dos maiores obstáculos foi se encaixar como arte no mesmo salão de uma pintura. Não faltaram críticas para a nova forma de se criar arte, uma arte que era processada dentro de uma máquina, que só chegava nas mãos do artista depois de um processo químico e mecânico, comparada com aquela arte onde a figura humana era a própria máquina, onde era a mão do pintor que criava uma cena, uma poesia. Um quadro poderia demorar um longo período para ser finalizado, e havia um cuidado extremo sobre o contexto da cena. Já uma fotografia era mais precisa e rápida, apesar de todo cuidado com o cenário, mas foi tida como uma forma preguiçosa de se expressar artisticamente (BAUDELAIRE, 1859). Charles Baudelaire, em seu texto “O

Público Moderno e a Fotografia”, demonstrou seu profundo desprazer com a chegada da fotografia no mundo na arte:

Como a indústria fotográfica era o refúgio de todos os pintores falhados, demasiado pouco talentosos ou preguiçosos para acabar os seus estudos, esse entusiasmo universal tinha não só um carácter de cegueira e imbecilidade, mas também a cor de uma vingança. Não acredito, ou pelo menos não gostaria de acreditar, que uma conspiração tão estúpida, na qual, como em todas as outras, encontramos os perversos e os equivocados, possa vencer de maneira absoluta, mas estou convencido de que o progresso mal aplicado da fotografia muito contribuiu, como aliás todo o progresso puramente material, para o empobrecimento do gênio artístico francês, já tão raro. [...] Se for permitido à fotografia substituir a arte em qualquer uma de suas funções, ela irá suplantá-la e corrompê-la a breve trecho, graças à aliança natural que encontrará na estupidez da multidão. É preciso, então, que retorne ao seu verdadeiro dever, que é o de ser a serva das ciências e das artes, mas a mais humilde das servas, como a impressão e a estenografia, que não criaram nem suplantaram a literatura.(BAUDELAIRE, 1859)

Baudelaire é um amante da poesia, e mostrou acreditar que a arte deveria surgir deste espaço, do lírico, como faziam os escritores e os pintores. Para ele, a fotografia é mecânica, fruto da construção industrial, e não havia como fazer parte do mesmo universo artístico.

Contudo, Baudelaire sabia da importância que a fotografia exerceria sobre a sociedade, e não a excluía. Sabia que ela se tornaria uma forma de registro de memórias, um objeto de manutenção de momentos na vida de uma pessoa, além da importância da imagem como documento e objeto de precisão. Ao longo de sua jornada, a fotografia possibilitou ao mundo novas formas de pensar, porque nos aproximou, trazendo o mundo para mais perto de cada um através das imagens, possibilitando viagens a outros lugares no mundo, multiplicando as pessoas, a forma como elas constroem suas vidas e suas culturas.

John Szarkowski, diretor emérito do departamento de fotografia do Museu de Arte de Nova York, em 1966, escreveu sobre essas diferenças primordiais entre fotografia e pintura, que gerou grandes debates acerca da aceitação da fotografia como arte. Ele explica o quanto a nova forma de se registrar uma imagem foi radical aos críticos e artistas do século XIX, expondo a básica diferença entre uma e outra: a pintura era feita pela própria mão do artista, tomava muito tempo para ser realizada e algum dinheiro, o que afastava as classes mais pobres da oportunidade de terem seus traços

retratados, e as famílias com maior aquisição de bens e eventos da alta sociedade conseguiam seu espaço para serem eternizadas nos traços dos artistas. Já a fotografia, que era feita através de uma máquina, registrava imagens cotidianas de maneira mais rápida, levava menos tempo para ser produzida, e acabou, num futuro próximo, abrindo caminho para as possibilidades do que poderia vir a ser fotografado, desde animais domésticos a vitrine de lojas.

Com o avanço do ato de fotografar, segundo Szarkowski, pela primeira vez na história, foi possível para uma pessoa comum, das classes mais populares, ter a oportunidade de registrar imagens de si e de seus familiares e, assim, ser possível criar uma memória para seus descendentes, o que não era muito comum para as essas classes. Com a câmera, as possibilidades e experimentos puderam ser expandidos e começaram a atingir um número muito maior de pessoas.

Foi em 1888 que a Kodak revolucionou o mercado da fotografia quando popularizou a primeira máquina fotográfica amadora. Custando bem mais barato do que as máquinas usadas por artistas e cientistas, e muito mais leves e fáceis de manusear, a marca lança a Kodak No 1, uma máquina fotográfica que vinha com um rolo de 100 poses, totalmente automática, e com o slogan que marcou a história da empresa: "Você aperta o botão, nós fazemos o resto". O processo era bem fácil e qualquer pessoa poderia fazer, e dispensava conhecimentos técnicos. Ao finalizar as poses, a pessoa enviava ao estúdio da Kodak o rolo, e lá as fotos eram reveladas e impressas, cabendo ao fotógrafo amador a composição da imagem e o clique. A máquina trouxe novas possibilidades e a capacidade de pessoas comuns documentarem a cidade ao seu redor, seus queridos, os eventos que frequentavam e a forma como se vestiam.

Um outro importante momento da história da popularização da fotografia é o início da fotografia digital, no século XX, que pode ser relacionada com o momento de 1888, com a criação das máquinas da Kodak. Uma das questões mais relevantes com o a chegada do digital foi a possibilidade de se fotografar de forma mais barata, com as câmeras digitais substituindo as analógicas no mercado e a não necessidade de usar o filme para criar as fotografias. Além disso, um fato marcante foi a diminuição do processo de impressão das fotos, já que com o digital foi possível armazenar as fotos em computadores e, de lá mesmo, vê-las ampliadas. A quantidade de fotos possíveis de serem criadas com as câmeras digitais também se tornaram bem maiores do que as

possibilidades tidas com a analógica e seus filmes, já que a única coisa que as limitava, no digital, era o tamanho do cartão de memória. Com isso, não era preciso mais ter tanta cautela com o ato de pensar, posar para uma foto, ou esperar por um momento importante acontecer para ser registrado, porque com o digital você conseguia captar diversos momentos sem se preocupar com o limite de poses.

O imediatismo do digital alimentou a rapidez e a saturação de imagens, e a relação das pessoas com o ato de fotografar, principalmente se relacionadas na era das redes sociais e dos celulares smartphones. Muitas fotografias que tiramos e temos acesso em nossos aplicativos e sites de relacionamento são fruto do imediatismo, de mostrar aos outros onde você está, o que se está fazendo e com quem está. Grande parte desses registros serão perdidos na própria internet, como é o caso de aplicativos que só preservam seu registro por 24h e depois são apagados, e outros ficarão esquecidos nos próprios aparelhos celulares. A fotografia passou a se tornar cada vez menos objeto físico e mais objeto virtual de poder.

A importância do fazer fotográfico, tendo em mente suas evoluções e suas influências na sociedade de forma geral, foi um dos pontos que mais me instigou para a realização deste projeto. Com estas fotografias pretendo deixar marcado um momento da minha história e também das pessoas que participaram desse projeto. Registrar essas pessoas que estiveram ao meu lado e que me permitiram capturar suas formas livremente. Além desta questão, estar vivendo em uma era de grande exposição de imagens me faz sempre questionar quais imagens eu gostaria de registrar e tratar como relevantes para a construção desse inventário. Para fotografar é preciso estar e ser presente. Criar uma relação com o fotografado e viver aquele momento. Foi importante perceber que cada segundo é único.

Retrato, com o decorrer do tempo, se tornou meu gênero fotográfico favorito. Gosto dos sentidos que um olhar transmite, gosto dos traços do rosto, das expressões e sentimentos que as pessoas transpassam por suas imagens. Acredito que as pessoas carregam consigo um mundo de influências e elas contam por si só as histórias da sociedade ao nosso redor, nossos costumes e aparências.

Manter a memória sempre me pareceu um ato de carinho. É uma prática que trago desde a infância. Gostava de ouvir histórias de minha avó e tinha vontade de escrever um livro sobre cada memória que me contava. Aquilo sempre me transportava

e me fazia perceber o sentido de muitas coisas. Gostaria de ter tido uma fotografia para cada momento das histórias que me contou. Aprendi muito ouvindo histórias, sentia muito intensamente e tudo isso se transporta para a minha fotografia, na forma de construção de ambientes, na composição de poses, no que fica no primeiro plano, no que está em foco, de forma que as pessoas que as vejam se transportem para dentro da imagem, e as pessoas que são fotografadas sintam aquela fotografia como parte delas.

1.2 Objetivo

O objetivo deste trabalho é exercer a fotografia como forma de expressar sentimentos e com ela criar uma memória física, um objeto que se pode tatear. Pretendo trabalhar o retrato como forma de permanência, com o objetivo de fazer com que os retratos se mantenham para a posteridade, e não se percam pelo imediatismo dos contatos sociais cibernéticos.

Pensando na fotografia como forma de permanência, os objetos de estudo desse projeto serão as próprias fotografias, que retratarão a pesquisa sobre a figura da pessoa em um retrato.

As pessoas escolhidas são amigos e colegas de faculdade queridos, são pessoas comuns, mas únicas na construção desta história, que cruzaram seus caminhos com os meus. Pessoas que são sujeitos, amigos, estudantes, estagiários, pessoas que vieram de fora do Rio de Janeiro, e também de dentro dele, para estudar, são jornalistas, namoradas, namorados, cineastas e publicitários. Pessoas que aprenderam e cresceram comigo nos últimos anos, que investiram seu tempo nos seus projetos e estudos e foram essenciais para a construção dessa memória que não é só minha, mas uma construção para eles também. Quero exercer a fotografia como arte e documento, ao mesmo tempo que são objetos de beleza e afeto, elas também expressam sentimentos.

O objetivo final do trabalho é realizar um documento artesanal, que remeta a um modelo tipo documental, e possa se tornar um objeto de lembrança e memória, a partir do conjunto de retratos e seus significados.

As fotografias foram realizadas com câmera digital e editadas em preto e branco, uma escolha estética pessoal, que me remete ao lírico e poético, e me distancia de qualquer distração que não sejam as próprias pessoas.

1.3 Justificativa

O ato de fotografar perdeu sua reverência, já não é mais um evento, é praticamente inevitável. Tudo está passível de ser fotografado, um tropeço na rua, um crime. A fotografia se adaptou aos avanços da sociedade de consumo. Passamos a registrar momentos sem idealizar, pensar, construir uma ideia, porque fotografar ficou fácil e ao alcance de um clique. Conforme a facilidade com que os aparelhos fotográficos chegam em nossas mãos, levando em conta que estão cada vez mais automáticos, as técnicas, teorias e sensibilidades ficam um tanto distante. Acabamos imersos em um emaranhado de imagens por todas as partes, de todas as coisas, muitas sem um maior significado senão mostrar o presente momento e se fazer presente naquela sociedade. As evoluções das câmeras fotográficas e dos aparelhos que registram imagens também mudaram a forma como uma imagem é pensada e registrada, e passa-se a fotografar mais pela experiência do que pelo desejo de criar uma memória (BASTOS, 2016).

A imagem virou objeto de status social, porque, com ela, pela rápida circulação nas redes sociais, a pessoa consegue demarcar território revelando onde está, o que está fazendo e como está aproveitando aquele evento, onde, muitas vezes, não está de fato aproveitando momento algum, já que o momento do registro, de tirar a foto, passa a ser mais importante do que o estar presente física e psicologicamente naquele lugar, deixando que o tempo passe e se perca aquele instante.

Em nossa sociedade estamos cercados por fotografias, sejam por meio da internet, em propaganda ou noticiários. A ideia de fotografar uma pessoa como forma de criar uma memória nos coloca para pensar os caminhos traçados pela fotografia contemporânea.

O desejo de construir um espaço físico para a memória foi minha maior inspiração para desenvolver esse trabalho. Ter a possibilidade de retomar o toque da

fotografia, o palpável, criar um projeto que ultrapassasse a linha do momentâneo, do online, do olhar que passa sem perceber. Meu objetivo ao criar essas fotografias sempre me pareceu claro: queria que os retratos despertassem a atenção, a curiosidade, fosse pela aproximação com o tema ou apenas pela admiração pela construção da imagem.

A tradição histórica nos conduz a pensar que a fotografia é lembrada não só a partir do ato de se documentar algo, mas também para expressões artísticas e poéticas. Uma imagem carrega consigo o tempo, e com ele suas marcas. Seja pela forma de se vestir ou pelas mudanças físicas, a imagem tem a capacidade de carregar grande valor emocional. Uma fotografia consegue nos fazer viajar no tempo, nos transporta, é aí, então, onde ela provoca nossas emoções, nos trazendo à memória momentos que marcaram nossas histórias.

Pensar em passar ao outro a importância de um projeto tão pessoal foi a maior tarefa de todo o projeto. Todos esses retratos conversam comigo, porque me deixam acionar memórias e pessoas. Mas como fazer com que eles toquem também outras pessoas? Acredito na potencialidade da fotografia documental, que nos aproxima o mundo, que marca nosso tempo. Experimentar conhecer nossa cidade, nossas pessoas, a forma como as casas eram organizadas, como as pessoas se vestiam, através de estudos pela fotografia, é uma atividade que nos pluraliza como humanos, ao mesmo tempo que nos soma também nos aproxima. Acredito na força da fotografia poética, que te capta pela forma como a luz pinta o objeto, pelas expressões, pela poesia transmitida pelo olhar do fotógrafo. Acredito que existam algumas formas diferentes para uma fotografia chamar a atenção de um espectador, mas o mais importante é que ela consiga captar o seu olhar, e fazer com que ele tenha vontade de compreendê-la.

Este trabalho também surgiu a partir de uma insatisfação com a forma como a fotografia e as expressões pela imagem vem sendo lidadas na nossa sociedade. Hoje temos muitas ferramentas que facilitaram a expansão do ato de fotografar e, como tudo que se massifica, essas muitas ramificações foram geradas. Acabei sentindo cada vez mais necessidade de entender uma fotografia, de observar imagens, ir em exposições, conhecer fotógrafos, viajar, documentar e estudar mais as minhas próprias fotografias, entender o porquê de cada uma.

Ao mesmo tempo em que crescem cada vez mais os costumes de se fotografar tudo, de transformar todos os almoços em família, cinema com os amigos, entardecer

em uma praia em imagens, de mostrar aos outros que nos seguem o que nós fazemos, onde passamos nossas tardes, o que comemos, acabamos desaprendendo a verdadeiramente olhar e compreender a construção de uma imagem.

As fotografias deste trabalho serão apresentadas impressas, um objeto para ser tocado, mas terão também sua exposição online e, a partir do momento que elas estiverem na rede, essas fotos passarão a não ser só minhas, elas serão de qualquer pessoa que quiser salvá-las, publicá-las ou divulgá-las. Apesar de toda proteção oferecida em algumas plataformas, é praticamente impossível que se tenha total controle sobre a imagem hoje em dia. As fotografias não são mais somente a imagem no papel, hoje elas são pixels, números binários, que chegam mais longe do que nunca chegaram. As imagens divulgadas pela internet estão dispostas para nossa apreciação, para serem transformadas em coleção, para serem salvas em pastas, e incitar outros trabalhos.

Com esse ensaio foi possível estudar e treinar novas formas e maneiras de enxergar e representar pessoas que vivem ao meu redor. A partir do momento que eles chegam para a sessão de fotos são descobertas novas faces, novos olhares e expressões.

A inserção de imagens no mundo ao nosso redor parece não ter limites e ainda produziremos muito conteúdo visual que vai acabar se perdendo no espaço. Mas o que não perderemos, pois é algo só nosso, é o que construímos e com quem construímos.

1.4 Organização do Relatório

Este relatório foi organizado de forma a expor todos os aspectos da concepção da obra, desde a idealização até a realização.

No capítulo Pré-Produção é apresentado como a obra foi concebida e tudo que foi necessário para o desenvolvimento do projeto.

No capítulo Produção, há a descrição da fase prática do projeto e como ocorreu a realização das fotografias.

Por fim, o capítulo Pós-Produção apresenta como as decisões foram tomadas após as sessões fotográficas, como a seleção das imagens, o tratamento digital e a reflexão sobre os conceitos trazidos pelo projeto a partir do material produzido.

2. PRÉ PRODUÇÃO

Este capítulo consiste no detalhamento do processo de pré-produção do ensaio fotográfico, desde sua concepção até os elementos necessários ao seu desenvolvimento e concretização.

2.1 Desenvolvimento do Produto Fotográfico

Este projeto fotográfico é composto por retratos de pessoas que estiveram presentes durante um momento específico da minha vida: a graduação. O trabalho foi realizado em estúdio, e a ideia era igualar o fundo para, trazendo uma similaridade, uma conexão entre todos os fotografados. A escolha de cada quadro e do fundo foi feita pensando em dar destaque às próprias pessoas retratadas. Não havia um vestuário exato previamente escolhido, todos foram orientados para irem de forma que se sentissem confortáveis para viver o dia a dia, como eles se vestem indo ao trabalho ou estudar, porque foi dessa forma como eles estiveram presentes em todas as lembranças do tempo delimitado. Cada pessoa fotografada foi convidada individualmente para a sessão de fotos, onde viriam da maneira que se sentissem confortáveis. Alguns foram logo após o dia de trabalho, e isso transpareceu em seus olhares e traços, alguns mais cansados outros mais elétricos. Outros foram direto de casa, mais despojados e descansados.

Quando se retrata uma pessoa também se retrata um momento, uma passagem da vida de cada um. Nos nossos olhares e traços carregamos histórias e o tempo. Somos seres que mudamos o tempo inteiro, e realizar esses retratos me proporcionou a riqueza de preservar cada olhar e uma memória de cada um dos colegas que estiveram comigo.

Todos os encontros foram acompanhados de nostalgia, tanto por estarmos no fim da graduação, encerrando um ciclo de nossas vidas, quanto por rever amigos que estiveram ao lado um do outro durante os últimos anos. De repente o tempo passa rápido demais.

Além dos colegas de curso, resolvi registrar também as pessoas de grande importância que estiveram comigo do lado de fora da faculdade, que teceram toda uma história comigo durante os últimos anos. A importância desse trabalho é expor a

construção desse imaginário, da memória, retratando as pessoas como os principais agentes de memórias e de afeto. São as pessoas que marcam o tempo e dividem conosco um imaginário.

Desta forma, esse trabalho reúne os diferentes olhares e formas, diferentes pessoas, que tiveram comigo uma relação de carinho e admiração, que se comportaram cada uma de um jeito se expondo à mim, pensando em como gostariam de se mostrar para a câmera, de como prefeririam ser registrados naquele momento. Temos uma ideia sobre nossa própria imagem e sobre como queremos ser vistos por outros em situações diversas. Uns foram mais tímidos, outros gostaram de se soltar mais, mostrando novos olhares e trazendo novas reflexões de si mesmo.

2.2 Público

O ensaio é voltado para um público interessado no estudo e compreensão da fotografia e seus desenvolvimentos artísticos, e que tenha uma sensibilidade que se atente ao olhar do outro e às escolhas estéticas, para que se possa pensar o ato fotográfico como uma forma de arte e como uma forma de fazer um momento permanecer, e para meus amigos que foram o coração desse projeto.

2.3 Concepção da obra

Uma das principais questões do projeto foi pensar em como seria a abordagem no momento de fotografar meus amigos, principalmente. A questão de intimidade entre fotógrafa e fotografados surgiu como uma equação importante para esse projeto. Cada pessoa que fotografei tinha um laço diferente comigo, alguns foram mais próximos durante todo o período, outros em períodos menores, outros até mesmo do lado de fora da faculdade, mas cada um de uma maneira diferente.

Quis criar um ambiente onde todos, conforme fossem chegando, pudessem se entrosar e compartilhar histórias. O estúdio nunca ficava vazio, nunca ficava sozinha com o fotografado, o que criou um ambiente divertido, com risadas, músicas e até

mesmo brincadeiras na hora de algumas poses. Quando cada um posava para mim, eu refletia sobre a forma como eles se portavam e se representação de frente para a câmera e para as outras pessoas no estúdio.

Durante a faculdade acompanhei estas pessoas e vi sonhos se transformando em ideias, que se transformaram em projetos e alguns deles conseguimos transformar em curtas, outros em contos, e outros ficaram guardados em nossa memória. Foi muito importante compartilhar esse pedaço da minha vida.

Ao serem chamados para este projeto, expliquei que seria como uma reunião onde o propósito seria fotografá-los individualmente. A primeira pergunta de todos eles foi de qual maneira deveriam ir vestidos. Expliquei que deveriam ir da maneira que se sentissem confortáveis, da forma como se vestem diariamente para trabalhar, estudar ou para encontrar seus amigos. O que eu procurava com isso era o conforto que cada um acharia para serem retratados. Ninguém gosta de se sentir desconfortável em sua própria casa, ou entre os próprios amigos e colegas. Foi pensando nisso que decidi não escolher um traje comum para todos, nem um traje específico, mas que eles fossem da maneira que quisessem se fotografados.

Um dos pontos mais importantes na criação desse trabalho foi a questão da presença. Indo na contramão do movimento contemporâneo de estar em um lugar, fotografar o lugar e divulgá-lo nas redes sociais, o estúdio se tornou um ambiente onde o que estava sendo registrado tinha um propósito futuro, tinha uma ideia de registro, o retrato daquele instante. Não houve imediatismo, nem da minha parte como fotógrafa nem da parte dos modelos que estavam sendo fotografados. Cada instante criado e registrado tinham um resultado comum: a construção desse trabalho e dessa memória.

As facilidades do celular nos conecta a tantos espaços ao mesmo tempo que as vezes acabamos caindo na armadilha de estar e não estar ao mesmo tempo. Quando estamos em um lugar, sozinhos ou não, como num restaurante ou em uma praça e passamos a maior parte do tempo - se não todo ele - no celular acabamos não estando presentes de verdade. Deixamos de perceber pessoas, situações, ações que não voltam mais. Há a oportunidade de escolha, mas acabamos deixando situações que poderiam enriquecer nosso imaginário como sociedade passar porque estamos em muitos lugares ao mesmo tempo.

Estar com todas essas pessoas e disfrutar da real presença sem nenhuma distração foi um ponto muito positivo.

Peter Galassi, ex curador de fotografia do Museu de Arte de Nova York comenta que "As imperfeições da fotografia estão ficando muito familiares. Sempre ouvimos que já existem fotografias demais, que estamos nos afogando nelas. Crescer acostumado com essa acumulação está tornando difícil de imaginar quais fotografias ainda precisamos." Vivemos hoje as consequências de um mecanismo que foi tocado pela tecnologia e, assim como tudo que passa pelo toque da tecnologia, a fotografia se transformou em diversas coisas. A pluralidade e massificação de imagens é uma dessas consequências.

Galassi também comenta sobre como uma fotografia é feita. Mostra como a figura do fotógrafo desaparece, trocando de lugar com quem verá a fotografia. O que é fotografado é o mais importante, e muitos estudos podem ser feitos em cima daquilo: quais as condições de luz, posição, momento histórico, situação. Mas o que uma fotografia não consegue mostrar é como o fotógrafo chegou até ali, o que ele sentia, qual era sua relação com o que foi registrado, o que ele pretendia.

Ao trabalhar com retrato nós acabamos traçando uma linearidade com a memória. É ela quem vincula o passado e o presente, e o retrato traz consigo uma passagem no tempo. A memória tem papel fundamental em nossa construção, constantemente nos conectando com o passado.

2.4 Pesquisa por referências

Neste item irei citar os artistas que foram referências para mim durante todo meu estudo, artistas que admiro e que são grandes inspirações para a construção deste trabalho, tanto artistas visuais quanto teóricos.

A primeira artista qual o trabalho me inspirou foi Annie Leibovitz. Apesar de seus exuberantes trabalhos fotográficos repletos de cores e imaginações em revistas como a Vanity Fair, são seus retratos (Annie Leibovitz: Portraits 2005-2016) com um fundo neutro que me chamaram mais a atenção, como um de seus últimos trabalhos, o

calendário da Pirelli de 2016, que reuniu fotografias de grandes mulheres contemporâneas que são sinônimo de força. A fotografia de Leibovitz sempre traduziu para mim uma sensação de conchego e proximidade. Seus retratos conseguem expressar a individualidade de cada pessoa de uma forma clara e singular. Cada pessoa e é uma pessoa e todas elas são grandes personagens de si mesmo.

Susan Sontag com seu livro referência *Sobre Fotografia (On Photography, 1977)* foi a pesquisa mais importante para a criação deste trabalho. Suas referências sobre a importância da imagem e a construção deste imaginário criativo através da fotografia me inspirou a pensar sobre a criação da minha própria memória e sobre a importância da fotografia na minha construção como ser humano.

Francisco Augusto Alkmim, mais conhecido como Chichico Alkmim, foi um fotógrafo mineiro que realizou um trabalho (*Chichico Alkmim Fotógrafo, 2017*) magistralmente belo com trabalhadores em Diamantina, Minas Gerais, no começo do século XX. Cada pessoa é retratada de uma forma muito singular. Eles são captados pelas lentes de Chichico que as revela de forma íntima, como se fossem seus parentes, seus amigos, construindo juntos uma memória coletiva daquele lugar.

O trabalho de Vivian Maier (*Vivian Maier: Street Photographer, 2011*), com suas fotografias de rua, faz um belo estudo sobre a singularidade das pessoas. Vivian, cuja história de vida se torna elemento principal em seu trabalho, foi uma babá norte-americana que produzia suas fotografias secretamente desde a década de 1950, as quais só seriam descobertas em 2007, poucos anos antes de sua morte. Nos seus dias, Vivian saía as rua, na maioria das vezes entre Nova York e Chicago, para fotografar pessoas. Suas fotografias de rua e seus retratos documentam o cotidiano da cidade como uma detetive, como se estivesse sempre atrás de um carro de uma parede ou disfarçada como uma pessoa qualquer.

2.5 Aquisição de Direitos de Imagem

Todos os fotografados cederam livremente sua imagem para a realização do ensaio, em qualquer uma das possíveis formas de veiculação, como exposições em centros culturais, universidades e em plataformas online, sem qualquer ônus.

As cópias das autorizações de imagem se encontram no apêndice A.

2.6 Organização Geral do Ensaio

Após o processo de concepção e estudo do trabalho, entrei em contato individualmente com um grupo de amigos realizando o convite para participar do ensaio.

A organização do ensaio foi feita a partir da disponibilidade dos fotografados e dos horários disponíveis do estúdio de fotografia da Escola de Comunicação, onde o ensaio foi realizado. As fotografias foram realizadas em Julho de 2016.

No estúdio já havia disponíveis a maior parte do material necessário para o ensaio, que eram um fundo branco, um refletor e um banco, onde os convidados posariam para mim. A câmera e lentes eram minhas e não houve necessidade de aluguel ou reserva nos equipamentos disponíveis na escola.

3. PRODUÇÃO

Todas as funções para realizar este projeto foram feitas por mim, desde a locação do espaço, da escolha dos fotografados, da direção de fotografia até a edição das imagens, sem a necessidade de uma equipe.

3.1 Realização das Fotografias

O local escolhido para a realização das fotografias foi o estúdio de fotos da Escola de Comunicação da UFRJ. Por serem quase todos alunos da ECO, fazer o ensaio

dentro da faculdade trouxe a facilidade de ser um lugar em comum, e carregar um significado especial para o projeto. Além de estúdio, o ambiente também funcionou como sala de aula, e foi um lugar onde quase todos nós tivemos aulas e realizamos projetos fotográficos durante o curso.

Desde o início do projeto eu já tinha a ideia de criar uma singularidade com as fotos, uma coesão. Decidi concentrar todo o trabalho com as seguintes opções: mesma câmera digital, um mesmo fundo e sombra. Levando isso em consideração, utilizei uma câmera digital Canon 60D, um fundo branco e apenas um refletor, na lateral, para todas as fotos. As lentes usadas foram uma 50mm e uma 18-135mm.

O uso do fundo branco, em estúdio, conferiu toda a atenção para os fotografados, livrando o olhar de dispersões, e trazendo uma uniformização na climatização, apesar de cada um trazer suas singularidades nos retratos.

Todas as fotos em estúdio foram realizadas em um só dia, num período de 4 horas.

4. PÓS PRODUÇÃO

4.1 Edição e Tratamento

Durante o processo de edição, optei por selecionar duas fotografias de cada participante desse projeto. Surgiu como uma escolha estética e, observando o trabalho já concluído, acabou se tornando uma narrativa ainda mais íntima de cada um deles.

Antes mesmo da produção das fotos, já havia decidido que elas seriam tratadas e apresentadas em preto e branco. Em nenhum momento da edição eu refutei essa ideia, já que o trabalho em preto e branco reforçaria a questão de captar a atenção do espectador diretamente para os fotografados, por ser um formato que não possui o mesmo espaço

no cotidiano em geral como as fotografias em cor. Outro motivo importante para a escolha foi o fator da uniformização dos retratos.

A partir do preto e branco, foram editados o contraste e adicionadas granulações nas imagens, para dar uma dimensão e desenho nas formas, além de pequenas correções de exposição após a edição no contraste. Não foram realizadas nenhum tipo de alteração nos corpos dos fotografados.

Um fato importante de ser ressaltado foi a escolha dos planos para os retratos. Sem que tivesse sido uma escolha prévia, todas as fotos foram realizadas em plano fechado, laterais e frontais. Foi uma escolha intuitiva, que foi desenhada durante a produção das fotografias e percebidas apenas no momento de edição do material.

4.2 Exibição

Foi também durante o processo de preparação do relatório e de edição que fiz a escolha de como as fotografias seriam exibidas. Depois de algumas ideias, cheguei na conclusão de apresentá-las como documentos, envelopadas. As fotos serão exibidas impressas, no tamanho 15x21, dispostas dentro de envelopes, representando um formato documental.

A impressão sempre foi um tópico essencial para o projeto, onde estudei a questão da memória física, do contato direto com a foto, sem dispersões em redes sociais ou qualquer outro tipo de mecanismo de interferência. A ideia é aproximar o espectador com a imagem, como em uma exposição. O fato da fotografia existir fisicamente é um dos elos que sustentam a ideia do projeto, a permanência além do virtual.

4.3 Análise Final das Fotografias

O decorrer da sessão de fotos ocorreu de forma muito natural e calma. Apesar de não estarmos nunca sozinhos no estúdio, todos os fotografados permaneceram tranquilos e relaxados em suas poses e nas interações atrás das câmeras, uns com os outros.

Após a edição das imagens, fui percebendo algumas escolhas que só ficaram muito claras para mim na pós produção. Foram separadas duas fotos de cada participante, e nelas acabou sendo recorrente a escolha de uma ser de perfil ou com o olhar para fora da câmera e outra com o olhar diretamente em mim, ou, no caso de um dos participantes, de uma interação cômica comigo. Acredito que essas escolhas, que foram naturais, aconteceram quando eu pensava em montar algum tipo de documento que representasse como eu os via, como os observo. Os traços quando eles olham pra mim em uma conversa e a forma como os vejo quando estão concentrados em outra coisa, quando estão imersos neles próprios. De alguns dos fotografados havia uma grande diferença de altura comparados a mim, o que também acredito ter sido levado em conta no momento de realização das fotos.

Fiz a escolha de, em algumas das fotografias escolhidas, mostrar onde o ensaio foi criado. O fundo branco rasgado, os móveis da sala, o cenário onde foi sendo criada a narrativa de todas as fotos.

Em uma das fotos escolhidas, um de meus amigos come no momento do ensaio. Fotografei aquele momento sem pensar em incluí-lo no projeto, mas na edição acabei reagindo a essa foto de maneira saudosa, porque o ato de comer em um ensaio fotográfico, toda a rebeldia com a qual essa foto pode ser percebida, diz muito para mim sobre a personalidade do fotografado, e acredito que ela acabou trazendo algum tipo de curiosidade e aproximação com quem estiver se deparando com este ensaio.

5. REFERÊNCIAS

- BASTOS**, Maria Teresa Ferreira. **Uma investigação na intimidade do portrait fotográfico**. Tese de doutorado, Puc-Rio, 2007.
- BASTOS**, Teresa. **Entrevista: O Retrato Entre a Pose e a Performance**. Disponível em: http://canalcurta.tv.br/filme/?name=curta_academia_teresa_bastos. Acesso em: Julho 2017.
- BATISTA**, Natalício. **Fotografia e Memória: Contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização**. Disponível em: <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/1/revista-ba-foto-memoria.pdf>. Acesso em: Setembro de 2016.
- BAUDELAIRE**, Charles. **A modernidade de Baudelaire**. Trad.: Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FABRIS**, Annateresa. **Identidades Virtuais: Uma Leitura do Retrato Fotográfico**. Minas Gerais. Editora UFMG, 2004.
- FERRAZ**, Eucanaa. **Chichico Alkimim, Fotógrafo**. São Paulo. IMS, 2017.
- GALASSI**, Peter. **The Pleasures and Terrors of Domestic Comfort**. Nova York. Museum of Modern Art, 1991.
- LEIBOVITZ**, Annie. **Annie Leibovitz: Portraits 2005 – 2016**. Londres. Phaidon Press, 2017.
- OLIVEIRA**, Luis Silva de; **FARIAS**, Edson Silva de. **FOTOGRAFIA: IMAGENS POESIA COMO LUGAR DE MEMÓRIA**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19386.pdf>. Acesso em: Setembro 2016.
- PRIORE**, Mary Del. **Os Registros da Memória: A Fotografia como Objeto de Memória**. Disponível em: <https://slidex.tips/download/memoria-patrimonio-e-identidade>. Acesso em: Setembro de 2016.
- MALOOF**; John. **Vivian Maier: Street Photographer**. Nova York. powerHouse Books, 2011.
- SONTAG**, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

SZARKOWSKI, John. The Photographer's Eye. Nova York. Doubleday and Company, 1966.

The Kodak Camera. Disponível em:
<https://temnafotografia.wordpress.com/tag/kodak-n1/>. Acesso em: Novembro 2017.

APÊNDICE A – Termo de Autorização de Imagem

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, eu, abaixo assinado (a) e identificado (a), autorizo Taisa de Lima Martins, CPF 128.289.457-90, a utilizar sem qualquer ônus minha imagem para os seguintes fins: trabalhos acadêmicos com possibilidades de futuras publicações, exposições, apresentação em sites na internet e outros materiais que possam vir a ser produzidos.

Ass.: _____

Nome: _____

ID: _____ CPF: _____

Email: _____

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2018.

APÊNDICE B – Fotografias



